

## **LITERATURA E JAZZ EN “EL PERSEGUIDOR” DE JÚLIO CORTÁZAR**

**Cynthia Valente**

O conto “El perseguidor”, do escritor argentino Julio Cortázar, apresenta reflexões sobre a vida de Johnny Carter, um jazzman que se perde nos momentos em que percorre os metrô de Paris. Transformando o tempo através de suas introspecções, Johnny Carter, personagem inspirado em Charlie Parker, persegue o prazer de reencontrar velhos lugares e percorrer os mesmos caminhos. Como na improvisação do jazz, tal movimento também se repete na construção narrativa. O conto estrutura-se sob a ótica de dois narradores: Bruno, crítico/amigo que se apresenta sob a dualidade descrita, e o próprio Johnny Carter, que cobra do primeiro narrador omissões em sua biografia. Assim, o conto é feito de uma apresentação que mistura várias perspectivas, que ora partem de Bruno, ora partem de Carter:

-Bruno, si un día lo pudieras escribir... No por mí, entiendes, a mí qué me importa. Pero debe ser hermoso, yo siento que debe ser hermoso. Te estaba diciendo que cuando empecé a tocar de chico me di cuenta de que el tiempo cambiaba. [...]  
(CORTÁZAR, 1964, p.92)

Reflexões livres apresentadas por Bruno e por Carter vão compondo uma narrativa que é conduzida pela interação entre os dois discursos: o jazzman quando improvisa deve estar atento ao que o outro músico faz (toca) e a partir disso, criar a sua variação musical. Já Carter, ao querer se fazer entender por Bruno, tenta exteriorizar seu conflito, narrando sonhos, experiências, angústias, e a construção desse personagem na história é feita pela imagem que ele constrói de si mesmo aliada à forma como Bruno o representa, segundo as perspectivas de amigo e de biógrafo.

O principal conflito de Johnny Carter é buscar a todo instante entender o tempo e a sua própria existência dentro dele. A busca de Carter, através da sua forma particular de tocar, parece justificar-se por esta procura, pois a música mitiga um pouco este sentimento de solidão que esta forma de ver as coisas lhe proporciona.

- Hoy no – ha dicho Johnny mirando el frasco de ron -. Mañana, cuando tenga el saxo. De manera que no hay por qué hablar de eso ahora. Bruno, cada vez me doy mejor cuenta de que el tiempo... Yo creo que la música ayuda siempre a comprender un poco ese asunto. Bueno, no a comprender

porque la verdad es que no comprendo nada. Lo único que hago es darme cuenta de que hay algo. (CORTÁZAR, 1964, p.90)

O problema de Johnny está em não aceitar a limitação do tempo. Perseguindo constantemente uma outra possibilidade, ele busca formas de fugir dessa limitação.

[...] Me empiezo a dar cuenta poco a poco de que el tiempo no es como una bolsa que se rellena. Quiero decir que aunque cambie el relleno, en la bolsa no cabe más que una cantidad y se acabó.[...] (CORTÁZAR, 1964, p.93)

Embora Johnny viva o conflito de querer modificar o tempo, sabe que com a música e o metrô, consegue alcançar uma dimensão de tempo e espaço que não corresponde à dimensão do tempo real<sup>1</sup>. Este conflito está completamente relacionado ao contexto do jazz do qual faz parte.

Na verdade, é possível que na maioria das vezes o improvisador tenha apenas tempo para simplesmente tocar a idéia que tem em mente. Depende muito do quanto o instrumentista se adianta em seu pensamento. Dizem que a capacidade de Charlie Parker antecipar seu pensamento era tão grande que ele podia mudar a música diversas vezes na cabeça antes de executá-la. (COLLIER, 1995, p.58)

A música e o metrô se apresentam como os únicos caminhos possíveis nessa busca. Esses dois universos representam o lugar onde Carter encontra seu lugar, é através desses dois espaços que o personagem sobrevive. Quando consegue se transpor para estes lugares, Carter passa a tentar fazer com que Bruno o compreenda. A representação de si mesmo passa a ser a sua busca. A angústia está em não poder representar, através da narrativa das suas experiências, o que realmente sente ao seu companheiro Bruno, pois a linguagem se mostra insuficiente. Isso acaba distanciando-o de todos e o relacionamento dele com o mundo torna-se limitado.

[...] Es fácil de explicar, sabes, pero es fácil porque en realidad no es la verdadera explicación. La verdadera explicación sencillamente no se puede explicar. Tendrías que tomar el métró y esperar a que te ocurra, aunque me parece que eso solamente me ocurre a mí.[...] (CORTÁZAR, 1964, p.95)

O músico de jazz quando improvisa está, dentro de um mesmo tema, realizando variações que são individuais e caracterizam sua autenticidade artística, mas é claro, apesar da idéia de intuição, ele precisa estar muito atento ao que os músicos estão fazendo em sua volta e ter a capacidade de produzir algo em sintonia com o todo.

O improvisador que tem algo a dizer não está simplesmente formulando padrões que ele sabe que irão condizer com a melodia; em vez disso, são frases musicais que brotam em sua consciência e que ele poderá aceitar, rejeitar ou modificar. É um processo muito semelhante ao da escrita. O escritor não se põe simplesmente a bater nas teclas de uma máquina, ele modela e remodela as palavras e frases inteiras que lhe vêm à mente porque elas estão associadas ao que foi dito antes. (COLLIER, 1995, p.58)

O jazzman deve ter a capacidade de fazer suas escolhas com velocidade. Ora, se a rapidez na hora de executar uma música é uma condição fundamental para que o jazzman realize com êxito a sua improvisação, é possível entender porque o tempo incomoda tanto a Carter, pois sua relação com o tempo é muito especial. Além dessa forma muito particular de utilizar o tempo sabe-se que a improvisação por si só é uma composição, uma recriação e que mesmo obedecendo a um determinado tema no qual encontra sua origem, leva sempre a marca do músico que dá à sua interpretação, autonomia e individualidade.

No jazz, cada composição está ligada intimamente com a personalidade musical do seu autor e, quando ela for executada por outro intérprete, a composição é praticamente recriada. (BERENDT, p.118)

De igual forma, Bruno ao passar ao leitor sua imagem de Carter, dá à personalidade do jazzman uma interpretação única, mas sabe que ela não corresponde ao verdadeiro Johnny.

“O músico de jazz improvisa baseado numa sequência harmônica” (p.118) e ao girar em torno de um eixo, executando variações sobre o mesmo tema, repete de inúmeras formas os mesmos caminhos, recriando-os. Bruno ao construir uma imagem de Johnny, que é particular, também o recria. Da mesma forma que o Jazzman, baseado num tema que lhe é proposto, improvisa de forma a criar ou compor algo novo, Bruno que pode ser tomado como o narrador central do conto, está recriando a imagem do jazzman, que por mais distante de seu referencial, conserva em si muito de Carter. Desta forma, Johnny luta para que os outros consigam compreender o que realmente sente quando está tocando ou viajando de metrô. Bruno luta por formular uma imagem de Johnny que oscila entre tentar compreendê-lo a partir da sua própria narrativa e tentar manter a imagem do Carter biografado.

A narrativa se constitui em um jogo entre a imagem de Johnny de si mesmo que é confusa e fragmentada e as imagens que Bruno constrói sobre ele. Johnny quando relata suas experiências quer que Bruno compreenda o que ele não consegue compreender. Há uma interação entre os dois, Johnny quer conhecer a sua imagem a partir da visão de Bruno. É importante que Bruno o

compreenda. O personagem fala da dificuldade de descrever a si próprio e da necessidade da visão do outro.

- Bruno, si un día lo pudieras escribir... No por mí, entendes, a mí qué me importa. Pero debe ser hermoso, yo siento que debe ser hermoso. Te estaba diciendo que cuando empecé a tocar de chico me di cuenta de que el tiempo cambiaba. Esto se lo conté una vez a Jim y me dijo que todo el mundo se siente lo mismo, y que cuando uno se abstrae... Dijo así, cuando uno se abstrae. Pero no, yo no me abstraigo cuando toco. Solamente que cambio de lugar.[...] (CORTÁZAR, 1964, p.92)

Entretanto, o narrador também fala da dificuldade de descrever seu objeto, da dificuldade de delimitar o universo de Johnny. "Lo difícil es girar en torno a él sin perder la distancia, como un buen satélite, un buen crítico"(p.125). Além de uma dificuldade de representar o personagem, o narrador revela uma dificuldade enquanto crítico. E, ao mergulhar no cotidiano do jazzman, acaba, na tentativa de entendê-lo esbarrando nas dificuldades de representação do personagem, pois questiona continuamente sua visão de Johnny. Sobre esse aspecto também reflete László Scholz:

Cortázar ha encontrado varias formas para expresar sus ideas estéticas. Una de ellas consiste en hacer de los protagonistas, en cierta manera, portavoces del autor. Tal ocurre por ejemplo, con las figuras de Johnny y Bruno de El perseguidor cuando conversan sobre el arte, la música, los estilos de jazz, etc. Las ideas así expuestas no corresponden directamente a los pensamientos de Cortázar, como se puede comprobar fácilmente al analizar, por ejemplo, el contexto de nuestro lema: ¡es Bruno quien lo dice (o lo piensa )! (LÁSLÓ, 1977, p.19)

Cortázar está, através de Bruno, expondo as dificuldades do autor em construir um narrador e ao mesmo tempo falando dos problemas da crítica, que por mais que se aproxime, sempre acabará por se distanciar do seu objeto. As inserções críticas são freqüentes na obra de Cortázar, mas, sobretudo em *Las Armas Secretas*, que reúne contos como "El perseguidor" y "Las babas del diablo", que os narradores colocam em questão os processos de representação e a opinião crítica de Cortázar se evidencia.

Ao longo de todo o conto, Bruno, enquanto narrador, demonstra ter uma afinidade intelectual com o músico. Assume a linguagem de Johnny Carter e constrói a narrativa de sua própria participação na história a partir de Johnny. "Lo malo es que si sigo así voy a acabar escribiendo más sobre mí mismo que sobre Johnny." (p.126) Essa frase indica que não se está lendo a biografia de Johnny, mas a história de um homem que está avaliando a biografia que fez sobre o saxofonista e que reconhece o seu drama. É exatamente nesse momento que se descobre que a biografia já está pronta e nela não constam os

momentos mais insólitos que estão presentes no conto: “No me ha parecido necesario explicarle a la gente que Johnny cree pasearse por campos llenos de urnas, o que las pinturas se mueven cuando él las mira” (p.127) E o conto se transforma numa espécie de biografia às avessas porque um emaranhado de pensamentos e sentimentos paralelos às atitudes e opiniões de Carter acabam fazendo uma outra biografia, muito diferente daquela que existe e que também está presente nas lembranças de Bruno.

Bruno vive não só o conflito da dificuldade de compreender o outro, também não consegue ver a si mesmo e precisa da presença de Johnny que admira a capacidade dos escritores de descrever o outro.

- Es como en un espejo – dice Johnny -. Al principio yo creía que leer lo que escriben sobre uno era más o menos como mirarse a uno mismo y no en el espejo. Admiro mucho a los escritores, es increíble las cosas que dicen.[...] (CORTÁZAR, 1964, p.136)

Entretanto, Bruno demonstra compreender que o conflito de Johnny não é fruto de um músico louco e drogado que o surpreende a cada minuto, mas de um homem que está buscando novos caminhos mesmo que essa busca pareça não levar a lugar algum, mesmo que essa busca pareça ser sobre-humana e incompreensível.

[...]Veo ahí la alta paradoja de su estilo, su agresiva eficacia. Incapaz de satisfacerse, vale como un acicate continuo, una construcción infinita cuyo placer no está en el remate sino en la reiteración exploradora, en el empleo de facultades que dejan atrás lo prontamente humano sin perder humanidad. Y cuando Johnny se pierde como esta noche en la creación continua de su música, sé muy bien que no está escapando de nada. Ir a un encuentro no puede ser nunca escapar, aunque releguemos cada vez el lugar de la cita; y en cuanto a lo que pueda quedarse atrás, Johnny lo ignora o lo desprecia soberanamente.[...] (CORTÁZAR, 1964, p.112)

Assim como o personagem que é caracterizado por perseguir uma nova forma de se expressar, o narrador de “El Perseguidor” está também, por todo o conto, perseguindo um meio de expressão ideal para contar a história de Johnny. No intento de ser fiel à história, o narrador acaba por se perder em diálogos e idéias, acaba apresentando uma forma carteriana de ser. Bruno é um narrador que deseja apresentar várias perspectivas nas quais inclui, principalmente, a sua de amigo e cúmplice do saxofonista.

Todo me inducía a conservar tal cual ese retrato de Johnny; no era cosa de crearse complicaciones con un público que quiere mucho jazz pero nada de análisis musicales o psicológicos, nada que no sea la satisfacción momentánea y bien recortada,

las manos que marcan el ritmo, las caras que se aflojan beatíficamente, la música que se pasea por la piel, se incorpora a la sangre y a la respiración, y después basta, nada de razones profundas.” (CORTÁZAR, 1964, p.148)

Bruno, quando narra, está sempre julgando, tentando entender as idéias de Johnny, apresentando diversas maneiras de conhecê-lo e entendê-lo. Ele demonstra estar querendo buscar, junto ao leitor, a chave para a expressão musical de Johnny Carter através de um ensaio de inúmeras possibilidades de descrevê-lo. Desta forma é o narrador o verdadeiro perseguidor e o movimento de perseguir uma forma de entender e representar o objeto de seu trabalho se identifica com o movimento de Carter. Bruno consegue uma improvisação muito parecida à de Johnny dando voltas ao redor de seu alvo. Mas esse movimento não é um movimento de destruição, mas o de ir e vir, numa repetição dos mesmos caminhos, num voltar sempre ao mesmo ponto que acaba por criar espaços insólitos e produtivos.

Na construção do foco narrativo, ou seja, no determinar quem será o narrador da história, Cortázar parece optar primeiramente por apresentar um narrador que escreveu uma biografia. No entanto, observa-se que o resultado da narrativa deste biógrafo não é a construção individual, manipuladora e intimista da história do outro, mas um emaranhado de sensações filtrado pelo ponto de vista de um narrador que procura aproximar-se e ao mesmo tempo distanciar-se do universo de seu amigo Johnny.

Ora falando de seu biografado, ora falando de si mesmo, Bruno vai percorrendo um itinerário de descobertas, incertezas e questionamentos existenciais, numa alternância de juízos sobre Johnny Carter. Em muitos momentos apresenta uma cumplicidade com Carter como se fosse o único capaz de compreendê-lo: “Le ofrezco un paquete de Gauloises, aunque sé muy bien que está pensando en la droga.”(CORTÁZAR, 1964, p.94) Em outros o narrador demonstra uma preocupação com a imagem de Johnny que apenas se justifica pelo fato de que seu fracasso não seria bom para o livro que já está sendo publicado em inglês e italiano. E, é claro, está conscientemente muito distante do verdadeiro Johnny.

“[...]El fracaso de Johnny sería malo para mi libro (de un momento a otro saldrá la traducción al inglés y al italiano) y probablemente de cosas así está hecha una parte de mi cuidado por Johnny. [...] (CORTÁZAR, 1964, 109)

Entretanto, há situações em que ele demonstra ser o único capaz de compreender Johnny e também uma certa frustração por pertencer a um mundo diferente.

“[...]Y a lo mejor es por eso que Johnny me toca la cara con los dedos y me hace sentir tan infeliz, tan transparente, tan poca cosa con mi buena salud, mi casa, mi mujer, mi prestigio. Mi

prestigio, sobre todo. Sobre todo mi prestigio.” (CORTÁZAR, 1964, 122)

Enfim, percebe-se que o que compõe a história que está sendo apresentada não é a biografia de Johnny, mas o relacionamento dos dois. A biografia é muitas vezes mencionada, mas não é o eixo principal. O eixo principal é a relação de Bruno e Johnny, os objetivos comuns, a cumplicidade. O que se tem como produto final no conto é a relação de parceria Johnny-Bruno que existe além da biografia.

Há uma demarcação explícita do limite entre o que o narrador está vivendo e relatando e o que ele fez na sua biografia, que não está vinculado à história que ele constrói no momento:” [...] Este no es el momento de hacer crítica de jazz, y los interesados pueden leer mi libro sobre Johnny y el nuevo estilo de la posguerra – [...] (CORTÁZAR, 1964, p.102)

[...] Envidio a Johnny, a esse Johnny del otro lado, sin que nadie sepa qué es exactamente ese otro lado. Envidio todo menos su dolor, cosa que nadie dejará de comprender, pero aun en su dolor tiene que haber atisbos de algo que me es negado. [...] (CORTÁZAR, 1964, p.106)

Bruno é um grande amigo de Johnny, capaz de compreendê-lo o bastante para poder fazer uma biografia fiel à personalidade de seu amigo, no entanto, como escritor e crítico, prefere manter a distância, prefere deixar que o verdadeiro Johnny, que delira freqüentemente e vê campos cheios de urnas, fique fora de seu livro. O que interessa é a biografia e o seu êxito, a outra imagem de Johnny que deve continuar intacta.

Com este distanciamento bem marcado pelo próprio narrador há então duas focalizações narrativas, na primeira há a narrativa da relação de companheirismo e cumplicidade entre Johnny e Bruno, e na segunda, paralela a esta relação, há a narrativa sobre um outro Johnny construído para uma biografia que não conhecemos. Ambas estão implícitas e compartilham o mesmo conto, coexistindo como peças fundamentais no jogo narrativo que é controlado por Bruno.

Bruno está consciente do jogo de que participa e, num só conto, Cortázar apresenta duas visões do mesmo personagem através do manejo lúdico do foco narrativo. Tudo o que é narrado por Bruno no conto “El Perseguidor” se refere principalmente aos conflitos de Johnny, a sua percepção em relação a ele, seus delírios. Este mesmo narrador fala de um Johnny que não quis mostrar em sua biografia e de uma preocupação com uma verdade construída, a da biografia.

Criar uma imagem de um personagem biografado e mantê-la, mesmo que esta não corresponda ao que se está experienciando e relatando, é participar de uma espécie de jogo, com seu isolamento e limitação. Se, como escreve Huizinga, o jogo proporciona uma realidade que não corresponde à “realidade” cotidiana, esta separação entre a realidade cotidiana e a realidade

do jogo corresponde à mesma separação entre a verdadeira relação de Bruno com o Johnny da biografia e o Johnny Jazzman.

O jogo distingue-se da vida "comum" tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa. É esta a terceira de suas características principais: o isolamento, a limitação. É "jogado até ao fim" dentro de certos limites de tempo e de espaço. Possui um caminho e um sentido próprios. (HUIZINGA, 1999, P.12)

O Johnny da biografia corresponde ao músico que o público admira e este não é o Johnny que Bruno quer compreender. Na construção da biografia, que é tema constante do narrador, há um jogo de distanciamento do verdadeiro Johnny sobre o qual o narrador demonstra estar consciente<sup>ii</sup>.

O jogo autêntico possui, além de suas características formais e de seu ambiente de alegria, pelo menos um outro traço dos mais fundamentais, a saber, a consciência, mesmo que seja latente, de estar "apenas fazendo de conta" (HUIZINGA, 1999, p.26).

A relação do conto com o jogo se evidencia no fato de Johnny perseguir uma forma de se distanciar da "vida comum" para encontrar uma outra realidade em que não há a limitação cotidiana. Esta realidade que busca Johnny se parece muito com a realidade do jogo tal como a descreve Huizinga e que se assemelha à que o personagem encontra quando está viajando de metrô ou tocando saxofone. Na interação com seus parceiros musicais, Johnny encontra dificuldades em respeitar uma certa ordem de tempo e lugar.

Mas Bruno quer estar alheio a este jogo e por isso Johnny está tão distante do que Bruno escreve sobre ele. É essa limitação que Johnny quer ignorar e que Bruno propositadamente exclui de sua biografia quando, conscientemente, omite as divagações que Johnny faz sobre o metrô, o tempo, as urnas. Essas reflexões são o que de mais há de Johnny, este é Johnny Carter, um jazzman que persegue uma outra realidade. Entretanto, este não é o Johnny da biografia de Bruno.

Construir uma biografia é então, para Bruno, participar de um jogo, com tempos e espaços diferentes. A realidade de Johnny não é conveniente para Bruno em relação à biografia, mas é o eixo principal da narrativa do conto que é composta da relação entre os dois. "Sí, hay momentos en que quisiera que ya estuviese muerto. Supongo que muchos en mi caso pensarían lo mismo. (p.139)

Bruno não quer que nada aconteça com Johnny, e por isso, temendo o fracasso do jazzman e chegando a preferir que ele estivesse morto, zela pela imagem construída na biografia. Essa problemática é uma constante na narrativa.

Uma criança estendendo a mão para um brinquedo, um gatinho brincando com um novelo, uma garotinha jogando bola, todos eles procuram conseguir alguma coisa difícil, ganhar, acabar com uma tensão. O jogo é "tenso", como se costuma dizer. (HUIZINGA, 1999, p.14)

Bruno narra de diferentes posições numa alternância de perspectivas que o aproxima do leitor que o percebe falando de si mesmo. Um pingue-pongue entre o que diz Johnny e o que pensa Bruno sobre o Johnny seu amigo e o Johnny biografado coloca Bruno no meio de um jogo de focalizações na qual se inclui a visão do jazzman que tenta relatar a Bruno sua forma de ver o mundo. Por fim se percebe que a história do conto não é a mesma da biografia que já está circulando e será novamente publicada. A oportunidade de aproximação do verdadeiro Johnny Carter só é oferecida pelo conto.

A função do jogo, nas formas mais elevadas que aqui nos interessam, pode de maneira geral ser definida pelos dois aspectos fundamentais que nele encontramos: uma luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa. Estas duas funções podem também por vezes confundir-se, de tal modo que o jogo passe a "representar" uma luta, ou então, se torne uma luta para melhor representação de alguma coisa. (HUIZINGA, 1999, p.17)

Fazendo com que o leitor transite entre duas versões de um mesmo personagem o narrador manipula o modo como este se apresenta no conto. Bruno alerta que, o leitor não pode se aproximar muito de Johnny, devendo manter um distanciamento crítico, pois do contrário, se perderá em uma outra realidade que não pertence à realidade do jogo que Bruno constrói.

Essa alternância entre os comentários da biografia e a construção do que é ou não o verdadeiro Johnny no conto, fazem que a narrativa, ao dar voltas sobre o mesmo eixo, multiplique suas possibilidades e reproduza mais uma vez o movimento de uma improvisação que neste conto se evidencia ainda mais pelo fato do personagem ser um jazzman. E sendo o personagem um jazzman temos na representação a chave para a escolha do foco narrativo.

Bruno, ao perseguir uma maneira de entender Johnny, comparando a todo instante a imagem feita de Johnny em sua biografia com a verdadeira imagem de Johnny, que tenta buscar através da sua experiência de amigo e confidente, acaba numa perseguição subjetiva, numa luta em que inclui julgar o outro e julgar a si mesmo e tentar encontrar a melhor maneira de fazer as coisas.

Enquanto narrador, sabe que elaborar uma imagem do outro, por mais que se pretenda estar distante dele, não é possível, sem se aproximar.

Quando recordamos e descrevemos uma impressão por meio de palavras, damos aos ouvintes e leitores uma visão de coisas num espelho, e não uma visão direta delas; ao mesmo tempo,

porém, algo existe de que damos uma visão direta, por assim dizer, e que é o espelho, a nossa própria mente.(LUBBOCK, 1976, p. 166)

No entanto, não se pode esquecer que por trás deste esforço de aproximar-se e distanciar-se de Carter que dá a Bruno a impressão de que ele controla sua narrativa, está o autor implícito que é quem de fato decide o grau de maior ou menor distanciamento.

Nesse exercício de representar o outro, Bruno acaba por falar muito mais sobre si mesmo, por tentar buscar sua verdadeira identidade de amigo e escritor, perde-se no meio de tantas possibilidades, de tantas escolhas. Mas Bruno está satisfeito com a sua biografia mesmo sabendo que ela tem muito pouco do Johnny que conhece, e isso já não tem mais importância porque Johnny está morto e a biografia continua.

Por suerte tuve tiempo de incorporar una nota necrológica redactada a toda máquina, y una fotografía del entierro donde se veía a muchos jazzmen famosos. En esta forma la biografía quedó, por decirlo así, completa. Quizá no esté bien que yo diga esto, pero como es natural me sitúo en un plano meramente estético. (CORTÁZAR, 1964, p.150)

Procurou-se demonstrar, ao longo desta análise, em que se aborda mais a improvisação e o ludismo que na análise dos outros contos, que a narrativa está fundamentada sob as bases de um narrador que está profundamente ligado ao objeto de sua representação. Johnny Carter se caracteriza por estar buscando uma forma de explicar o que sente, de representar o que experimenta, mas a tentativa de narrar suas experiências, transforma-se numa angústia por não se concretizar através da linguagem.

Bruno, narrador principal do conto está ligado profundamente ao personagem Carter e está entre duas representações que dão origem, por ser ele o fio condutor do conto, a duas narrativas. Uma que é a todo tempo mencionada e que se constitui na biografia já publicada e a outra que nasce da tentativa de reconstruir, a partir das narrativas de Carter e da sua própria visão particular, uma imagem de Johnny.

A imagem construída por Bruno, para descrever seu amigo Johnny se transforma numa recriação do próprio personagem. É essa recriação que se assemelha ao movimento de improvisação do jazz, já que improvisar no jazz é recriar a partir de um tema proposto, compondo uma nova melodia, exatamente como faz Bruno, criando um novo Carter a partir de um mesmo Carter.

Assim, a partir dessas duas versões, tem-se dois enfoques. Mas Bruno precisa manter o Johnny construído para a biografia, e o faz com o cuidado de um jogador que, completamente imerso no jogo, não deixa que nada o atrapalhe, fazendo com que o conto apresente duas visões do mesmo personagem através do manejo lúdico do foco narrativo.

Johnny Carter é um jazzman que está procurando uma forma de expressar o que sente quando toca, quando viaja pelo metrô. Narrando a Bruno seus sonhos e sua forma de ver o mundo, ele busca que o escritor o compreenda, busca passar a essência verdadeira de si mesmo através da linguagem. Bruno também se confronta com o verdadeiro Johnny, mas prefere manter o jogo da construção da personagem. O entrecruzamento destas duas visões não se resolve no conto, mas demonstra a dificuldade de representar o outro, e assim ao invés de um perseguidor temos dois perseguidores, ou melhor, três.

#### Referências bibliográficas

BERENDT, Joachim e. *O Jazz do rag ao rock*. Trad. Júlio Medaglia. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

BORDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica. Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

COLLIER, James L. *A autêntica música americana*. Trad. Carlos Sussekind e Teresa Resende Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CORTÁZAR, Julio. *Bestiario*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1974.

\_\_\_\_\_. *Las armas secretas*. Buenos Aires: Alfaguara, 1964.

GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

LÁSLÓ, Scholz. *El Arte Poética de Julio Cortázar*. Buenos Aires: Castañeda, 1977.

LUBBOCK, Percy. *A técnica da ficção*. Trad. de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1976.

---

<sup>i</sup> Segundo Gérard Genette, quando se analisa a narrativa esta apresenta uma seqüência duas vezes temporal: “há o tempo da coisa-contada e o tempo da narrativa (tempo do significado e tempo do significante). Não só é esta dualidade aquilo que torna possíveis todas as distorções temporais de que é banal dar conta nas narrativas (...) mais fundamentalmente, convida-nos a constatar que uma das funções da narrativa é cambiar um tempo em outro tempo.”( Op. cit., p. 31)

<sup>ii</sup> Apesar deste trabalho não se propor fazer qualquer alusão ao estudo da biografia enquanto gênero, merece algum comentário o fato do biógrafo de Carter não ter conseguido dar conta de transpor para o papel a personalidade contraditória de seu biografado. Se tomarmos a biografia proposta por Bruno sob o ponto de vista de que não há na vida do homem uma sucessão ordenada de acontecimentos pois “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tão difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório”(BORDIEU, 1996, p. 34) veremos que a impossibilidade de se transformar em linguagem uma vida toda (aliada ao fato do biografado ainda estar presente na vida de seu biógrafo) é que tornaria uma biografia assim tão fragmentada no mais perto possível do que seria uma biografia “